Adquira sua coleção

ESPAÇO CULT
UOL Assine 0800 703 3000 SAC Bate-papo E-mail Notícias Esporte Entretenimento Mulher Shopping
BUSCAR



# Em busca de um vilarejo chamado Nick Drake

*Nos quarenta anos da morte de Nick Drake, trazemos um roteiro fotográfico captado pelo olhar de Ricardo Dalpra*

**TAGS:** David DiLillo, Entrevista, Nick Drake, Ricardo Dalpra, Three hours from London

Tamworth-in-Arden, Warwickshire; David DiLillo

*Silvio Demétrio*

Tamworth-In-Arden é um pequeno vilarejo encravado ao sul de Birmingham ao qual se chega apenas por estradas secundárias ou então de trem. A segunda opção exige uma caminhada – algo entre dois ou três quilômetros –, não há estação em Tamworth. Quem vai de trem deve pedir para descer na estação de Danzey, um pouco mais ao sul. Todo ano, entre o mês de julho e agosto, o vilarejo atrai amantes de música folk do mundo inteiro que se reúnem nesse lugar para celebrar e cantar a memória do mais amado filho dessa paisagem bucólica e pastoral: Nick Drake.

O Nick Drake Anual Gathering não é um evento de grandes proporções. Tudo é muito singelo e, por isso mesmo, muito forte e evocativo. Assim como a sua música, tudo o que se relaciona com Nick Drake é de uma austeridade estóica. Tamworth-in-Arden é uma Graceland às avessas. Nenhum traço de excesso possível.

Mesmo para além do encontro anual, os habitantes do vilarejo são acostumados com visitas de peregrinos da folk music durante todas as estações do ano. "As pessoas de lá imediatamente reconhecem que você não é dali. E quando isso acontece elas perguntam se você está ali por causa da música", explica Ricardo Dalpra, DJ e fotógrafo curitibano que há dez anos mora na Inglaterra (as fotos coloridas que ilustram a matéria foram todas feitas por ele no final de setembro deste ano).

A dificuldade em encontrar o vilarejo e o fato de se percorrer a região a pé provocam uma imersão num plano de ruptura com o banal. Esse é um roteiro pautado por uma epifania, uma revelação. O epitáfio gravado na lápide de Drake foi extraído da letra de "From the Morning", "Now we rise and we are everywhere" (Agora nós nos levantamos e estamos em todos os lugares). Sua sentença rebate-se sobre toda a paisagem. "Chega-se à localidade por uma pequena estrada ladeada por árvores. É um túnel de árvores e então você vê ao longe a torre da igreja de Santa Madalena e logo o grande carvalho aos pés do qual está a lápide que marca o local onde as cinzas de Nick Drake foram depositadas. Por ali se escuta o rumor das crianças que estudam na escola da igreja. Dá para sentir naquela atmosfera a presença dele em todo o lugar", descreve Dalpra.

No final deste mês certamente o vilarejo deve receber mais uma vez fãs peregrinos que ali vão marcar a memória dos quarenta anos de sua morte. Drake morreu em 25 de novembro de 1974. Não se sabe ao certo se por vontade própria ou não, em função de uma superdose de barbitúricos que lhe haviam sido prescritos por conta da depressão. Sua obra ficou registrada em apenas três discos: *Five Leaves Left*, 1969, *Bryter Later*, 1970 e *Pink Moon*, 1972. Chegou a abrir shows para o Fairport Convention, mas na época seus discos não alavancaram e sua timidez também se transformou num obstáculo para as apresentações. De volta à rotina da casa dos pais em Far Leys, uma típica propriedade de famílias ricas no interior da Inglaterra, Drake teve seu quadro depressivo agravado. Com sua morte trágica aos vinte e seis anos de idade, Drake se transformou num mito que é projetado por gerações de fãs que se somam numa comunidade de afinidades eletivas pelo mundo todo.

**Wilmcote Station, Warwickshire; David DiLillo**

Rodrigo Merheb, o premiado autor de *O som da revolução – uma história cultural do rock: 1965 – 1969* (Civilização Brasileira), conheceu a musicalidade sofisticada de Drake quando morou na Inglaterra durante o começo dos anos 90: "fui imediatamente arrebatado. Na verdade, eu achava incrível nunca ter ouvido nada sobre ele. Pensei até que fosse um compositor contemporâneo, muito em função da sonoridade não ter nada dos clichês daquela virada dos anos 60 pros 70", explica. Segundo o historiador, a força da poética de Drake está em seu apelo aos dilemas da passagem para a vida adulta. "É muito fácil alguém de vinte e poucos anos se identificar com as canções do Nick Drake, porque elas foram escritas quando ele estava nessa faixa etária. Traduzem muito bem a confusão, as inquietações do começo da fase adulta, um tempo de observações e incertezas sobre como se posicionar no mundo. Escutei direto durante uns três anos. Hoje ouço bem menos, mas nunca deixei de acreditar que se tivesse tido tempo de amadurecer, ele teria sido um gigante, como Bob Dylan ou Van Morrison."

O fotógrafo nova-iorquino David DiLillo também registrou sua peregrinação a Tamworth-In-Arden em 2013 num foto-documentário disponível em www.daviddlillo.com/three-hours-from-london. No material disponibilizado em seu site há uma entrevista concedida a Paul Weiner da Critique Colective. Nela, DiLillo descreve o impacto da evocação do artista produzida pelo vilarejo: "minha imersão se mostrou sagrada, familiar e rústica, tudo ao mesmo tempo. Lembrou-me das canções dele sobre o isolamento. Não foi um sentimento negativo, mas muito mais algo como uma conexão com as espalturas, as pastagens verdes e as pessoas ao redor. De uma maneira estranha e agradável, isso desmistificou a ideia de idolatrar um músico que eu nunca havia realmente conhecido e, ao contrário, ajudou-me a aprofundar minha compreensão dele como um homem jovem que viveu uma vibrante e criativa, porém breve, vida".

Para além da construção de uma persona de traços românticos em torno do artista, Nick Drake é uma paisagem musical e poética que abriga a potência de uma verdade vivida: a cada vez mais impressível conexão da experiência com a natureza. Se o tombo do gigante Finn deu origem à Irlanda, a morte precoce e trágica de Nick Drake colocou no mapa Tamworth-In-Arden, um vilarejo de pouco mais de três mil habitantes mas com dimensões legendárias.

**Por entre a música, a luz e as sombras de um *outsider***

Com um portfólio encorpado por participações em exposições coletivas no MoMa e uma profusão de projetos semeados numa miríade de galerias, museus e festivais, o jovem artista multimídia nova-iorquino David DiLillo (nascido em 1988, tem hoje a mesma idade com a qual Drake morreu) demonstra com seu trabalho uma maturidade estética de quem já caminhou muito. Sua trajetória conta com uma produção fotográfica na qual a ausência é um elemento constante. Suas imagens lembram em algum momento o olhar do fotógrafo curitibano Pedro do Rosário Neto – que também morreu precocemente e tinha em Drake uma referência muito forte.

Em 2013, DiLillo levou sua câmera para Tanworth-in-Arden para produzir um foto-documentário. *Three hours from London* é resultado de uma incursão sinestésica pelas paisagens pastorais do vilarejo onde Nick Drake passou os mais luminosos anos de sua infância e depois os mais sombrios dias de sua desilusão quando a barra pesou. Em entrevista à CULT, DiLillo fala sobre seu processo criativo, seu amor pela *folk music*, Tanworth-in-Arden e, é claro, Nick Drake.

**CULT: Quem descreve o local onde fica a lápide de Nick Drake em Tanworth-In-Arden sempre menciona o rumor das crianças brincando na escola da igreja de Santa Maria Madalena que fica ao lado. Parece ser um importante elemento que define essa paisagem. Como o som e a música articulam-se no seu trabalho como fotógrafo? O que você acha do trabalho de Evgen Bavcar? [*fotógrafo estuvenso cego desde a infância.*]**

**David DiLillo:** O trabalho de Bavcar é incrivelmente evocativo e também uma experiência sensorial. Som e música são tremendamente importantes para mim como fotógrafo. Quando estou fora, fotografando em solidão, normalmente estou escutando música enquanto me movimento. Eu organizo o meu espaço sonoro de um certo jeito, a música e os sons naturais influenciam fortemente as minhas imagens. Quando estive em Tamworth-in-Arden, eu não escutava nada que não fosse a música de Nick Drake, exclusivamente, por vários dias. Talvez haja algumas referências subliminares das letras dele em algumas imagens, não sei ao certo.

**CULT: O universo da *folk music* só pode ser traduzido em imagens feitas em preto e branco e de forma analógica?**

**David DiLillo:** Não acredito que o folk deva ser um correlato dos processos fotográficos analógicos ou de se usar película somente. Eu escolhi usar preto e branco para essa série porque me eram familiares os retratos predominantemente monocromáticos de Drake, e eu queria evocar um passado que eu não tinha vivido. Não considero o digital inferior, mas há algo de uma imperfeição e acaso com a película que eu quis explorar nesse trabalho.

**CULT: Sobre as suas expectativas – como foi caminhar pelas ruas de um lugar que antes de ser conhecido foi sonhado?**

**David DiLillo** Antes de eu chegar à Inglaterra, eu já tinha uma vívida noção de Londres como uma cidade, mas nenhuma impressão de nenhum outro lugar. Cruzar o interior da Inglaterra e atravessar pequenas cidades proporcionou-me uma linda experiência dessa região, o que me lembrou muito de algumas rotas pela Pensilvânia. O vilarejo de Tanworth-in-Arden não foi bem o que havia imaginado mas ainda sim foi algo muito onírico. Na minha percepção existe simultaneamente uma agradável e agitada aldeia e um vilarejo fantasma congelado no tempo.

**CULT: Você acha que conseguiu encontrar-se com Nick Drake nessa sua experiência?**

**David DiLillo** Eu realmente senti como se tivesse encontrado com ele durante o tempo que estive por lá. Sua presença foi sentida no campanário da igreja sobre o qual ele cantou, pelos prados e cercas e pelas calçadas sinuosas. O recomendável é nunca encontrar-se com um ídolo, mas ao invés de idolatrar ainda mais Drake, minha estadia em Tanworth-in-Arden trouxe-me mais para perto de quem ele era como ser humano qualquer, embora seja impossível conhecê-lo de verdade.

**Silvio Demétrio** é professor da Universidade Estadual de Londrina

Comente Compartilhar Imprimir
Curtir 118 pessoas curtiram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

## ARTIGOS RELACIONADOS

13/11 - Adeus a Manoel de Barros
17/10 - Des-heterossexualizara cidadania é ainda uma frente de batalha
14/10 - Demônios maduros
07/02 - No fundo de toda utopia não há somente um sonho, há também um protesto

0 Comentários Revista Cult Entrar
Ordenar por Melhor avaliado Compartilhar Favorito
Comece a discussão...
Seja o primeiro a comentar.
Assinar feed Adicione o Disqus no seu site Privacidade DISQUS

Adquira a coleção completa da Revista CULT de 2011 a 2013
EDIÇÃO 196
ASSINE OU COMPRE
ANUNCIE
NEWSLETTER
EDIÇÕES ANTERIORES
ONDE VENDE A CULT? A revista CULT circula nas melhores BANCAS do país, nas LIVRARIAS e ESPAÇOS CULTURAIS selecionados. SAIBA MAIS
NOVO LIVRO DE MARCIA TIBURI. ESTE MÊS NAS LIVRARIAS E EM LIVRO DIGITAL!
É com saúde que você realiza todos os seus planos.
Em defesa de uma opinião pública democrática Conceitos, entraves e desafios
TWITTER
Tweets Seguir
Revista Cult @revistacult 25 nov
CULT 196: Em busca de um vilarejo chamado Nick Drake goo.gl/qgoyXS pic.twitter.com/7n3SDgVpxs
Expandir
Revista Cult @revistacult 25 nov
No blog da Marcia Tiburi: Cultura do Assédio goo.gl/SCMf1z pic.twitter.com/7ZV0wxinN
Tweetar para @revistacult



Copyright © 2014 Editora Bregantini. Todos os direitos reservados.